

# Manuel de Melo Duarte Alegre – As sete penas do amor errante

Eu não sei se os teus olhos se gaivotas  
mas era o mar e a Índia já perdida  
as ilhas e o azul o longe e as rotas  
minha vida em pedaços repartida.

Eu não sei se o teu rosto se um navio  
mas era o Tejo a mágoa a brisa o cais  
meu amor a partir-se à beira-rio  
em uma nau chamada nunca mais.

Eu não sei se os teus dedos se as amarras  
mas era algo que partia e que  
ficava. Ou talvez cordas de guitarras  
ó meu amor de embarque desembarque.

Eu não sei se era amor ou se loucura  
mas era ainda o verbo descobrir  
ó meu amor de risco e de aventura  
não sei se Ceuta ou Alcácer Quibir.

Eu não sei se era perto se distante  
mas era ainda o mar desconhecido  
ou Camões a penar por Violante  
as sete penas do amor proibido.

Eu não sei se ventura se castigo  
mas era ainda o sangue e a memória  
talvez o último cantar de amigo  
amor de perdição amor de glória.

Eu não sei se teu corpo se meu chão  
mas era ainda a terra e o mar. E em cada

teu gesto a grande peregrinação  
das sete penas do amor lusíada.

**Manuel Alegre, Atlântico**